



Departamento de Desenho Industrial

Parênteses

Uma análise das revistas femininas no Brasil

Isabela Lima

13/0142743

2º/2017



Departamento de Desenho Industrial

Parênteses

Uma análise das revistas femininas no Brasil

Isabela Lima

13/0142743

2º/2017

Relatório apresentado como parte integrante da
diplomação em Programação Visual do curso de
Desenho Industrial da Universidade de Brasília,
orientada pelo professor Rogério Câmara.

Sumário

1. Introdução 8

- 1.1. Contexto 8
- 1.2. Objetivo geral 8
- 1.3. Objetivos específicos 8
- 1.4. Justificativa 9
- 1.5. Metodologia 9

2. Levantamento de dados 10

- 2.1. A mulher, o feminino e a feminilidade 11
- 2.2. A imprensa feminina e seus periódicos nos séculos XIX e XX 13

3. Geração de alternativas 19

- 3.1. Pesquisa de referências visuais 20

4. Definição de projeto 23

5. Desenvolvimento 24

- 5.1. Parênteses 24
 - 5.1.1. Nome 24
 - 5.1.2. Paleta de cores 24
 - 5.1.3. Tipografia 25
 - 5.1.4. Formato 25
 - 5.1.5. Páginas 26
- 5.2. Zine 29
 - 5.2.1. Formato 29
 - 5.2.2. Páginas 29
- 5.3. Folder 30
 - 5.3.1. Formato 30
 - 5.3.2. Páginas 30

6. Conclusão 32

Anexos 33

Lista de figuras

Figura 1: Catálogo da exibição anual do departamento de artes gráficas de Kraków **20**

Figura 2: Páginas de "Hallelujah Money", de Jessica Keene **21**

Figura 3: Páginas de "Manifesto", de Luca Longobardi **21**

Figura 4: Fragmentos de "113–15", de Erin Callaghan **22**

Figura 5: Páginas do capítulo "Bela" **26**

Figura 6: Páginas do capítulo "Bela" **26**

Figura 7: Páginas do capítulo "Recatada" **27**

Figura 8: Páginas do capítulo "Recatada" **27**

Figura 9: Páginas do capítulo "Do Lar" **28**

Figura 10: Páginas do capítulo "Do Lar" **28**

Figura 11: Páginas selecionadas da zine **29**

Figura 12: Páginas selecionadas da zine **30**

Figura 13: Páginas selecionadas da zine **30**

Figuras 14: Folder frente e verso **31**

Figura 15: Folder frente e verso **32**

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo compreender e analisar, a partir de suas dimensões discursivas e imagéticas, o desenvolvimento dos periódicos voltados para as mulheres e sua influência na construção do feminino. A partir desta análise, buscou-se refletir, discutir e representar este universo de forma a levantar questionamentos e compreender a influência de certos discursos na vivência e na construção de paradigmas.

Palavras-chave:

- 1. Design**
- 2. Mulher**
- 3. Imprensa feminina**
- 4. Periódico**

Abstract

The following work aims to understand and analyze, from its discursive and imagnetic dimensions, the development of women's magazines and their influence on the construction of femininity. Upon such analysis, the intent was to reflect, discuss and represent such universe in order to raise questions and understand the influence of certain discourses in the construction of paradigms around women.

Palavras-chave:

- 1. Design**
- 2. Women**
- 3. Women's press**
- 4. Magazines**

Agradecimentos

Agradeço primeiramente à minha família, principalmente aos meus pais, que me apoiaram durante todo este projeto, aos meus amigos e a todos que me ajudaram de alguma forma, em especial Camila Villela, Carla Teixeira, Cássio Reis, Marcos Mendes, Sofia Pappi, Valentina Moura e Vitor Teles.

Agradeço também ao meu orientador Rogério Câmara pela paciência, pelos ensinamentos e por acreditar no meu projeto mesmo quando eu não acreditava.

1. Introdução

1.1. Contexto

O design gráfico possui múltiplas áreas e segmentos que permitem explorar diversas possibilidades, aplicações e contextos. Um destes segmentos é o design editorial, que permite que o designer explore a relação texto-imagem proposta pela produção gráfica, quer seja livro, revista, jornal, etc., de modo a libertá-lo da cômoda posição de simples objeto de transmissão de conteúdos e informações. Tal propósito visa conferir à peça gráfica um caráter mais original e singular de peça artística e conceitual, com o objetivo de demonstrar muito mais do que um simples conteúdo textual, inexpressivo e genérico. O design editorial permite, ainda, agregar valor à peça produzida, fazendo com que o visual e o textual se conectem e se complementem, criando uma comunicação forte e consistente em toda sua essência.

O design de revistas em si permite que essa comunicação possa ser ainda mais explorada, principalmente por ser uma peça mutável e constante, presente de forma contínua no cotidiano de quem interage com ela, criando e reforçando discursos e linguagens de forma progressiva e regular. Neste convívio, a influência e a troca entre produto e espectador se torna mais próxima e identificável, permitindo que estes criem uma relação mútua de aprendizado e construção de discursos e narrativas, os quais se confundem e se estabelecem. Isso permite que nos seja possível analisar de forma crítica as implicações que o texto pode promover no que diz respeito às práticas e relações existentes na sociedade.

1.2. Objetivo geral

Compreender, a partir de sua dimensão discursiva, como os periódicos voltados para o público feminino no Brasil refletem e influenciam o conceito de feminino.

1.3. Objetivos específicos

- a. Realizar um levantamento histórico das publicações voltadas ao público feminino no Brasil desde o século XIX até a contemporaneidade e posterior análise de suas características discursivas e imagéticas;

- b. Compreender as variáveis sob o ponto de vista do discurso, da linguagem e das temáticas abordadas em relação à construção do discurso do universo feminino das publicações;
- c. Desenvolver análise crítica dessas narrativas estabelecendo uma relação entre publicações antigas e contemporâneas, bem como seus discursos;
- d. Reunir material relacionado às representações do universo feminino nos periódicos voltados para as mulheres e utilizá-lo para construir uma publicação que permita representar esses paradigmas de forma gráfica.

1. 4. Justificativa

Por ser um âmbito próximo e intimamente ligado às vivências e relações pessoais, o universo feminino se torna um objeto de estudo de muito valor, principalmente quando permite-se acrescentar o entendimento de construções e práticas sociais estabelecidas ao longo de uma história. Vivemos um período bastante reacionário, onde mudanças de conceitos e desconstrução de paradigmas convivem intimamente com a perpetuação de pensamentos e práticas antigas já estabelecidas. São tempos onde o contraste do atual com o antigo é muito claro e levado muitas vezes ao extremo. Em meio à isso, fez-se necessário explorar as construções produzidas em torno da mulher, entendendo-as, discutindo-as e representando-as, de forma a tentar compreender a influência de certos discursos na vivência e na construção de paradigmas.

Como objeto de pesquisa, analisa-se o desenvolvimento dos periódicos voltados para o público feminino, desde sua criação até a sua atual produção, procurando melhor compreender suas estruturas discursivas e formas de representação.

1. 5. Metodologia

- a. Pesquisa de linguagem – mulher, estruturas de gênero e feminino: estudo breve sobre as diversas linguagens que perpassam o universo feminino, buscando compreender como se deram as diversas construções relacionadas ao gênero e ao que é dito feminino. Este estudo tem como objetivo entender as bases deste universo para que se possa realizar um trabalho completo e mais aprofundado de entendimento e representação.

- b. Pesquisa histórica: levantamento quantitativo de todos os periódicos voltados para o público feminino, desde o século XIX até os dias atuais, com enfoque no século XIX, para que se possa compreender as origens dos discursos e se estes se perpetuaram ou se modificaram conforme o passar do tempo.
- c. Análise de periódicos: análise do desenvolvimento dos periódicos levantados, fazendo um apanhado geral de seus temas e objetivos em cada época, bem como seu tempo de duração e distribuição. Aqui haverá também uma análise dos discursos textuais e imagéticos abordados nas revistas, de forma geral.
- d. Geração de alternativas: compilação de todos os dados levantados nas outras etapas e ideação de possibilidades e formatos possíveis.
- e. Construção de uma publicação que tenha como base os conceitos e informações coletados a partir das pesquisas anteriores, construindo assim uma plataforma onde seja possível discutir, desconstruir e repensar papéis e construções propostas pelos periódicos femininos.

2. Levantamento de dados

Para melhor entender o universo da imprensa feminina, mais especificamente de seus periódicos, foi necessário realizar uma pesquisa mais aprofundada de sua história a partir do seu remoto surgimento, com o propósito de traçar uma linha de tempo onde fosse possível compreender seus desdobramentos e desenvolvimentos, permitindo, desta forma, entender e analisar contrastes, equivalências, constantes e inconstantes. Além disso, para melhor compreender o universo feminino e a vivência da mulher como um todo, sem se limitar à imprensa propriamente dita, incluiu-se no corpo desta pesquisa, alguns estudos também sobre gênero, feminino e feminilidade, o que serviu para criar-se uma base inicial de conceitos pré estabelecidos para que, posteriormente, estes pudessem agregar valores aos demais levantamentos históricos. Os resultados destas pesquisas, realizadas a partir da análise de diversos textos e livros que abordam os temas citados, bem como da coletânea de alguns periódicos, estão descritos conforme abaixo discriminados:

2. 1. A mulher, o feminino e a feminilidade

Fez-se necessário, na construção deste projeto e seus diversos desdobramentos, o esclarecimento de certos conceitos que foram cruciais durante todo o desenvolvimento das ideias aqui apresentadas. Estes conceitos, complexos em sua essência e amplamente discutidos e revisitados por diversos autores, muitos deles fontes desta pesquisa, não são conceitos fechados e definitivos, e muito menos possuem um significado único e absoluto. Justamente por isso, o projeto aqui descrito não possui – e nem poderia – qualquer intuito de decretar como verdade os significados que o guiaram e que serão brevemente explicados nesta parte. São significados que foram construídos após intensa e criteriosa pesquisa e que fizeram sentido no levantamento dos dados aqui apresentados.

Em se tratando de um texto sobre mulheres e suas representações, nada mais justo do que discutir, e primeiramente, o significado de ser mulher. Antes disso, porém, talvez seja necessário determinar alguns conceitos primários que influenciam muito na discussão da constituição do *ser* mulher, sendo eles sexo e gênero. Apesar de discordar da possibilidade de dissociação desses termos, o que será explicado melhor mais adiante, tomemos neste momento como ponto de partida o conceito de sexo como algo biológico e predominantemente anatômico, que determina características fisiológicas, sendo, portanto, um conceito de característica determinista. Em contraponto, tomemos gênero como a construção social, histórica e cultural da diferenciação entre o que é próprio do masculino e do feminino. Desta forma, o conceito de gênero questiona o determinismo biológico, baseado na ideia de que nada e nem ninguém é naturalmente homem ou mulher, masculino ou feminino, pois estes conceitos são baseados em construtos coletivos resultantes de nossa socialização. Como afirmou Bourdieu:

"As aparências biológicas e os efeitos, bem reais, que um longo trabalho coletivo de socialização do biológico e de biologização do social produziu nos corpos e nas mentes conjugam-se para inverter a relação entre as causas e os efeitos e fazer ver uma construção social naturalizada (os "gêneros" como *habitus* sexuais), como o fundamento *in natura* da arbitrária divisão que está em princípio não só da realidade como também da representação da realidade." (1998)

É importante lembrar, no entanto, que estes conceitos caminham juntos e são intrínsecos um ao outro, não parecendo correto, desta forma, tratá-los como duas coisas distintas e não relacionadas, pois corre-se o risco de colocar o corpo como um meio passivo sobre o qual inscrevem-se significados culturais (BUTLER, 1990), sendo representado como mero instrumento ou meio com o qual um conjunto de significados

culturais é apenas externamente relacionado. Mas o “corpo” é em si mesmo uma construção. Não se pode dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior à marca do seu gênero (BUTLER, 1990), pois corremos o risco de cair em um paradoxo, inclusive semiótico, onde significado e significante se perdem, conforme complementa Bourdieu:

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença *anatômica* entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho. Dado o fato de que é o princípio de visão social que constrói a diferença anatômica e que é esta diferença socialmente construída que a torna o fundamento e a caução aparentemente natural da visão social que a alicerça, caímos em uma relação circular que encerra o pensamento na evidência de relações de dominação inscritas ao mesmo tempo na objetividade, sob forma de divisões objetivas, e na subjetividade, sob forma de esquemas cognitivos que, organizados segundo essas divisões, organizam a percepção das divisões objetivas (1998).

A discussão entre o que é próprio do feminino é intrínseca à discussão do que é *ser* mulher e é ainda mais complexa, pois envolve justamente os discursos construídos dentro da sociedade, ao longo de toda sua história. Os elementos, características e performances que são em sua essência identificados como tipicamente femininos são fontes das construções incessantes do que deve ou não ser próprio da mulher e foram perpetuados e justificados, durante toda a história da humanidade, por princípios biológicos, como se a própria anatomia da mulher a condenasse. A função de gestação e de maternidade e até mesmo da forma como se dá a fecundação (tendo o óvulo como estrutura passiva e o esperma como estrutura ativa e, conseqüentemente, essencial, explicação essa provada cientificamente errônea) foram e são por anos justificativas findadas que fundamentam todo o mito que envolve o feminino, além de se tornarem alicerces para a secundarização da mulher. Esses alicerces são tomados como verdade absoluta, diante desta perspectiva do mito. Segundo Roland Barthes:

O que é apenas um produto da divisão das classes e de suas sequelas morais, culturais, estéticas, é apresentado (enunciado) como “evidente por si mesmo”, os fundamentos absolutamente contingentes do enunciado tornam-se, sob o efeito da inversão mítica, o Bom Senso, a Norma, a Opinião corrente. (1977)

Desta forma, o mito é um reflexo social que inverte o cultural e o ideológico em algo natural e, por isso, incontestável. O problema da mitificação da mulher é que ela vem

acompanhada de uma necessidade de dividi-la em categorias bem determinadas, onde a transição entre si não é imaginada. Essas categorias a definem em um ser resumido em arquétipos que justificam a ideia de feminilidade de forma absoluta e inquestionável, fazendo das mulheres prisioneiras de seu próprio significado, como se houvesse um manual a ser seguido onde não existe a possibilidade de burlá-lo sem ser julgada como anti-feminina ou, ainda, anti-natural. Simone de Beauvoir descreve bem essa construção:

À existência dispersa, contingente e múltipla *das* mulheres, o pensamento mítico opõe o Eterno Feminino único e cristalizado; se a definição que se dá desse Eterno Feminino é contrariada pela conduta das mulheres carne e osso, estas é que estão erradas. Declara-se que as mulheres não são femininas e não que a Feminilidade é uma entidade. (...) Na realidade concreta, as mulheres manifestam-se sob aspectos diversos; mas cada um dos mitos edificadas a propósito da mulher pretende resumí-la inteiramente. Cada qual se afirmando único, a consequência é existir uma pluralidade de mitos incompatíveis. (...) Como as representações coletivas e, entre outros, os tipos sociais definem-se geralmente por pares de termos opostos, a ambivalência parecerá uma propriedade intrínseca do Eterno Feminino. A mãe santa tem como correlativo a madrasta cruel; a moça angélica, a virgem perversa; (...) Muitas vezes projetam no mito adotado as instituições e os valores a que estão apegados. Assim, o paternalismo, que reclama a mulher no lar, define-se como sentimento, interioridade e imanência; na realidade, todo existente é, ao mesmo tempo, imanência e transcendência. (1970)

A pluralidade de mitos citada por Simone De Beauvoir será um dos temas principais desta pesquisa, que tem como objetivo tentar traçar um caminho em meio a essas construções e formas de representação da mulher através de sua relação íntima com os periódicos voltados para ela. Desta forma, criar-se-á um paralelismo entre construções e representações, traçando-se, assim, uma linha histórica de desenvolvimentos e perpetuações de paradigmas.

2. 2. A imprensa feminina e seus periódicos nos séculos XIX e XX

Nossa sociedade é naturalmente pautada por um sistema de oposições, onde categorizamos o mundo em situações de dualidade, alternância, oposição e simetria (LÉVI-STRAUSS, 1949). Desta forma, nada mais esperado que a ideia de oposição se estenda para a polarização do feminino e masculino. De fato, essa oposição existe, não de forma simétrica mas quase que unilateral, onde um se dá em função do outro, que passa a ser tomado como referencial. Nesta construção não é o Outro que definindo-se

como Outro define o Um; ele é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um. (DE BEAUVOIR, 1970). Assim, o homem é o Sujeito, o Absoluto; a mulher é o Outro. (DE BEAUVOIR, 1970).

Essa secundarização se estenderá em muitos espaços onde a mulher atua, ativamente ou não, e a imprensa feminina não é diferente. Esta também nasce secundária, muito depois da existência da imprensa propriamente dita. No Brasil do século XIX isso se realiza claramente. Segundo as pesquisas realizadas, a vinda da família real foi o estopim para as mudanças que se faziam urgentes na sociedade brasileira, inclusive em relação à imprensa. Além disso, a supremacia rural começou a dar espaço para as áreas urbanas e a vida cosmopolita. Com a mudança da capital para o Rio de Janeiro, isso se intensificou. As transformações tomavam forma e tinham como guia as sociedades europeias. Importou-se hábitos, costumes e vestimenta da Europa e a presença da corte passou a influir na vida em sociedade, em especial na da mulher, até então limitada ao lar e à vida privada. Desta forma, a exigência da participação da mulher na sociedade trouxe a moda como fator crucial e as tendências europeias passaram a ser difundidas através da imprensa.

A imprensa feminina no Brasil foi estreada pelo primeiro periódico feminino brasileiro de que se tem conhecimento, chamado O Espelho Diamantino, datado de 1827, mesmo ano em que se autoriza a abertura de escolas para meninas no Brasil. Os periódicos desta época possuíam, em sua maioria, esse objetivo - o de educação e instrução. O Espelho tinha como finalidade colaborar para elevar as mulheres da Corte a um patamar compatível com as das mulheres europeias, onde a educação e a imprensa, inclusive para as mulheres, já estavam bem mais avançadas. Os periódicos que se sucederam traziam nomes com elementos vistos como pertencentes ao universo feminino ou se colocavam no lugar de guias e mentores para as mulheres. Assim, surgiram nomes como O Mentor das Brasileiras (1830), Despertador das Brasileiras (1830), Correio das Modas (1839), Espelho das Bellas (1841) e A Violeta (1849), entre outros. Todos os periódicos deste primeiro momento eram criados e redigidos por homens, sendo poucos os que davam espaço para mulheres em sua redação. A partir de 1832 começaram a surgir alguns periódicos criados por mulheres, mas com tiragem limitada e distribuição local. O primeiro grande periódico de maior visibilidade criado por uma mulher foi O Jornal Das Senhoras, em 1852. Neste periódico continuava-se abordando a questão da educação e instrução para as mulheres e, ao lado de notícias sociais e comentários sobre modas e receitas, encontravam-se também artigos com protestos por melhores condições de vida. Vale destacar que as discussões mais significativas

destes periódicos diziam respeito à educação, não havendo, então, discussões maiores sobre questões de gênero neste primeiro momento. Só em 1873, com a criação do semanário *O Sexo Feminino*, de Francisca Senhorinha de Mota Diniz, estas questões começam a aparecer. Este periódico defendia o direito ao estudo secundário, ao trabalho e à emancipação da mulher, reivindicações bastante avançadas para a época. É o que podemos notar no trecho a seguir, extraído de uma edição de 25 de outubro de 1873:

Queremos a nossa emancipação - a regeneração dos costumes,
Queremos reaver nossos direitos perdidos,
Queremos a educação verdadeira que não se nos tem dado a fim de que possamos educar também vossos filhos; Queremos a instrução para conhecermos nossos direitos, e deles usarmos em ocasião oportuna;
Queremos conhecer os negócios de nosso casal, para bem administrá-los quando a isso formos obrigadas; Queremos enfim saber o que fazemos, o porque, o pelo que das coisas;
Queremos ser companheiras dos nossos maridos, e não escravas;
Queremos saber o como se fazem os negócios fora de casa;
Só o que não queremos é continuar a viver enganadas.
(HAHNER, 1978, citado por BUTONI, 1981)

É importante esclarecer que no Brasil de 1870 apenas 5% das mulheres brasileiras eram alfabetizadas, pois o pensamento patriarcal ainda se opunha firmemente ao aumento de escolas femininas, com medo das mudanças de comportamento que porventura pudessem surgir. Assim, os periódicos existentes destinavam-se às mulheres de elite, que estavam começando a deixar a reclusão doméstica e a ingressar na sociedade. Mesmo assim, o século XIX conta com mais de 143 produções voltadas para o público feminino entre jornais e revistas, o que é um número bastante significativo, principalmente considerando a época e o caráter inaugural de uma imprensa ainda pouco desenvolvida. Podemos perceber, ainda, duas direções muito bem definidas na imprensa feminina do século XIX: a tradicional, preocupada em dar continuidade aos bons costumes e às atividades do lar e do privado e a mais progressista, à qual trazia discursos políticos e defendia a discussão sobre os direitos das mulheres, principalmente no que se diz respeito à educação. (BUTONI, 1981)

No século XX, a introdução de um modelo de vida baseado no consumo e o aumento dos índices de escolaridade, bem como a modernização abrangente ligada à vida cada vez mais urbana e cosmopolita da capital da República impulsionaram

significativamente a imprensa. Este período é marcado pelo desenvolvimento das artes gráficas, juntamente com o início do uso da fotografia nas publicações, não mais dependendo, unicamente, de litografia ou xilogravura. Foi a fase do surgimento e crescimento das revistas ilustradas, que traziam a caricatura como elemento à parte, o que se tornou essencial na catalização da consciência crítica da época (BUITONI, 1981). Aqui ainda se conserva fragmentos do caráter progressista de alguns periódicos femininos do século XIX, como no jornal Voz Feminina, fundado em 1900 por três mulheres de famílias tradicionais, que, em 1901, lança uma campanha pelo direito de voto da mulher.

A imprensa de São Paulo também começa a se desenvolver e traz para o mercado editorial, em 1914, a Revista Feminina, fundada por Virgílica de Souza Salles. Esta revista possui um caráter histórico bastante significativo, pois se consolidou como o periódico feminino de maior tiragem até então, chegando a 30 mil exemplares, além de trazer matérias completas divididas em seções bem elaboradas. Era uma revista corpulenta, com um número de páginas suficientemente grande em comparação aos periódicos do século XIX, que não passavam de 15 páginas. Em suma, a Revista Feminina marcou a mudança de direção dos periódicos femininos, incorporando assuntos variados dentro de uma perspectiva comercial, pautada pelo capitalismo que começava a entrar em vigência na época. Vale destacar, também, que sua duração foi bastante longa, permanecendo no mercado por 21 anos.

Destaca-se na imprensa feminina, até a década de 30, uma linearidade que raramente era abalada, onde se tratava de assuntos tradicionais que ainda se limitavam à moda ou ao lar, além de textos fáceis e pseudo-literários, sendo raro a presença de reportagens e entrevistas. Por isso, a relação da imprensa feminina com o fato da atualidade era - e ainda é hoje - pouco frequente (BUITONI, 1981). Betty Friedan, em seu livro *Mística Feminina*, discorre sobre a situação das revistas femininas da época em uma discussão tão atual que poderia facilmente ser aplicada nos dias de hoje:

A figura de mulher que emerge dessas bonitas revistas é frívola, jovem, quase infantil; fofa e feminina; passiva, satisfeita num universo constituído de quarto, cozinha, sexo e bebês. A revista não deixaria, com certeza, de falar em sexo, a única paixão, o único objetivo que se permite à mulher em busca do homem. Está atulhada de receitas culinárias, modas, cosméticos, móveis e corpos de mulheres jovens, mas onde estaria o mundo do pensamento e das ideias, a vida da mente e do espírito? Na imagem da revista as mulheres só trabalham em casa e no sentido de manter o corpo belo para conquistar e conservar o homem. (1963)

Em 1947 inaugura-se a revista Grande Hotel, que mais tarde se tornaria pioneira em um novo gênero do mercado editorial feminino: a fotonovela. A exploração do romantismo e a ideia do amor ideal são temas principais neste momento. Na edição de número 5 desta revista, nota-se também o surgimento de um gênero muito particular que se torna bastante relevante e presente nas publicações femininas até hoje - o teste. Na edição em questão encontramos o teste "Que mulher é você?", extraído e explicado por Dulcília Buitoni:

Sete rótulos são propostos: 1) a amorosa; 2) a esposa; 3) a inteligente; 4) a camarada; 5) a mulher-criança; 6) a deslumbrante; (7) a maternal. (...) As imagens da mulher se encontram nesses modelos. Toda uma ideologia do papel feminino está em cada um dos tipos propostos. O padrão de beleza apresentado, apesar de subdividido em sete, é um só: o da mulher branca, de "pele fina" (aparece três vezes explicitamente; e nas outras, está implícito), cabelos e olhos bonitos. E, dentro da influência predominante do cinema norte- americano, o teste está ilustrado com fotografias de artistas que correspondem a cada um dos tipos. (...) Todas as características físicas, portanto, pertencem à americana ou europeia clara. (...) Então, além de apresentar modelos estrangeiros, há toda uma idealização da beleza.

(...) Vida profissional não está dentro do conceito apresentado. A mulher é só sentimento; seu habitat é a casa; seu relacionamento interpessoal se restringe a marido e filhos (BUITONI, 1981).

Buitoni também cita uma ligação importante e sintomática que se perpetua em muitas relações presentes em nossa sociedade, inclusive atualmente - a associação da aparência física e do externo ao temperamento e à personalidade da mulher. John Berger, em seu livro *Ways of Seeing* (*Modos de Ver*, em português), discorre sobre isso, colocando o homem como observador:

Nascer mulher é vir ao mundo dentro de um espaço definido e confinado, à guarda do homem. (...) Tem de vigiar tudo o que ela é e tudo o que ela faz, pois a sua aparência, e, em primeiro lugar, a sua aparência perante os homens, é de importância decisiva para o que poderá ser geralmente considerado o seu êxito na vida. (...) O homem, por sua vez, vigia a mulher, antes de tomar conta dela. Por isso, o modo como uma mulher aparece a um homem pode determinar o modo como ele a tratará. (...) Cada uma de suas ações – quaisquer que sejam seus objetivos ou motivações – é lida como a indicação de como ela gostaria de ser tratada. (...) Poder-se-ia simplificar tudo isto dizendo: os homens agem, as mulheres aparecem. (1972)

Nas décadas que se sucederam, 50 e 60, a imprensa feminina já estava muito bem consolidada e extremamente rentável, obedecendo aos padrões de consumo vigentes da época, com a influência do *American Way Of Life*. O universo feminino nesta época começa a passar por algumas inquietações ligadas ao papel e à posição da mulher na sociedade. Na década de 60 a revista Claudia traz uma matéria questionando a verdadeira realização da mulher de classe média, que aparentava realizada e feliz, mas em seu interior não se sentia assim. A direção da edição é voltada para a busca de identidade e retomada de atividades fora do lar, porém, traz uma demarcação: essa busca não deve ser muito aprofundada. Põe-se como solução da inquietação interior, que a mulher vá atrás de seus potenciais mas sem abandonar o lar, o marido e os filhos. Na década de 70 o assunto principal é o sexo, que foi sendo introduzido paulatinamente nas produções editoriais femininas:

Aí entra a figura masculina. Numa revista feminina, surge outra personagem: o homem até então pouco presente de maneira direta nesse tipo de publicação (embora seja o motivo-chave na maioria delas). Há uma centralização em torno da mulher; o texto é dirigido a ela. (...) No entanto, as ações sugeridas são sempre em função *dele*. Ela vai fazer as coisas para ele, para agradá-lo. Mais uma vez, apesar de toda a aparência em contrário, o eixo principal é a passividade (BUITONI, 1981) e a secundarização.

A década de 80 é marcada pela descoberta efetiva do público adolescente feminino e o início das telenovelas, que deram fim às fotonovelas. Na década de 90, as revistas femininas atingiram o seu auge e se tornaram peças fundamentais na concretização da sociedade de consumo. A produção de imagens crescia exponencialmente e a glorificação de celebridades passou a ser comum. É nesta época que surge outro gênero singular dos periódicos voltados para o público feminino, atuante até hoje - as revistas de celebridades. Neste momento, o mercado editorial feminino já se torna consagrado como o mais rentável e o surgimento de novas revistas desde a década de 80 é exponencial.

As revistas passaram, então, a servir como um espaço não-físico de debate das questões que afligiam as mulheres naquele momento. Se as mulheres já não sabiam mais que padrão seguir, que comportamento assumir com tantos questionamentos ligados à sexualidade, à condição e ao papel feminino na sociedade vindo à tona, as revistas, como um espaço de comunhão de sentimentos, ideias e experiências, serviam como um eixo norteador para suas ações (LOBATO, 2013).

3. Geração de alternativas

Diante da quantidade de material que foi levantado na pesquisa, o que inclui levantamento histórico dos periódicos, temas abordados, linguagens difundidas, seções e todos os elementos que compõem uma revista, além de uma análise mais aprofundada das semelhanças e diferenças durante todo o desenvolvimento dos periódicos femininos, tornou-se apropriado e quase necessário criar algo que pudesse ilustrar de certa forma esta “linha do tempo”, destacando convenções reforçadas e contrastes, semelhanças e diferenças e toda uma perspectiva e forma de pensamento construídos durante estes 190 anos de história. Da mesma forma, por ser um tema tão cotidiano e de relação quase pessoal, era óbvio que precisava-se evitar fazer uma simples linha do tempo, fria e objetiva, onde não se abrisse espaço para um diálogo, onde as informações já fossem dadas e estabelecidas e não fosse possível desenvolver uma linguagem visual onde o espectador que estivesse tendo contato com o produto não pudesse, ele mesmo, fazer a sua própria leitura, interpretação e conclusão, sem ser direcionado fortemente por afirmações e resoluções já pré-estabelecidas. É de se esperar, obviamente, que um trabalho tão intrínseco à realidade de quem o fez tivesse traços de subjetividade, principalmente diante do fato de que quase nenhum trabalho pode se tornar completamente objetivo dado que só o ato de retirar algo de seu contexto original já é uma interferência significativa e uma impressão, mesmo que sutil, de uma percepção subjetiva.

3. 1. Pesquisa de referências visuais

De forma a explorar todas essas possibilidades de forma livre, foi escolhido o desenvolvimento de uma publicação que explorasse, visualmente, as narrativas e discursos difundidos pelos periódicos femininos. Na etapa de geração de alternativas, a estética a ser utilizada foi um dos pontos chaves, pois parecia quase óbvia a necessidade de explorar as texturas e as possibilidades de intervenção que a revista proporciona. A partir daí, foi feita uma pesquisa de referências de publicações que explorassem temas diversos de forma predominantemente gráfica, sem padrões formais muito definidos ou estéticas engessadas. Buscou-se, na seleção destas referências, trabalhos que aproveitassem brechas e buscassem possibilidades não convencionais, deixando as imagens falarem por si só, além de trabalhos que possuíssem soluções tipográficas não convencionais e que utilizassem a linguagem das

colagens como forma de comunicação. Seguem, na próxima página, algumas das referências levantadas durante esta etapa.



Figura 1. Catálogo da exibição anual do departamento de artes gráficas de Kraków

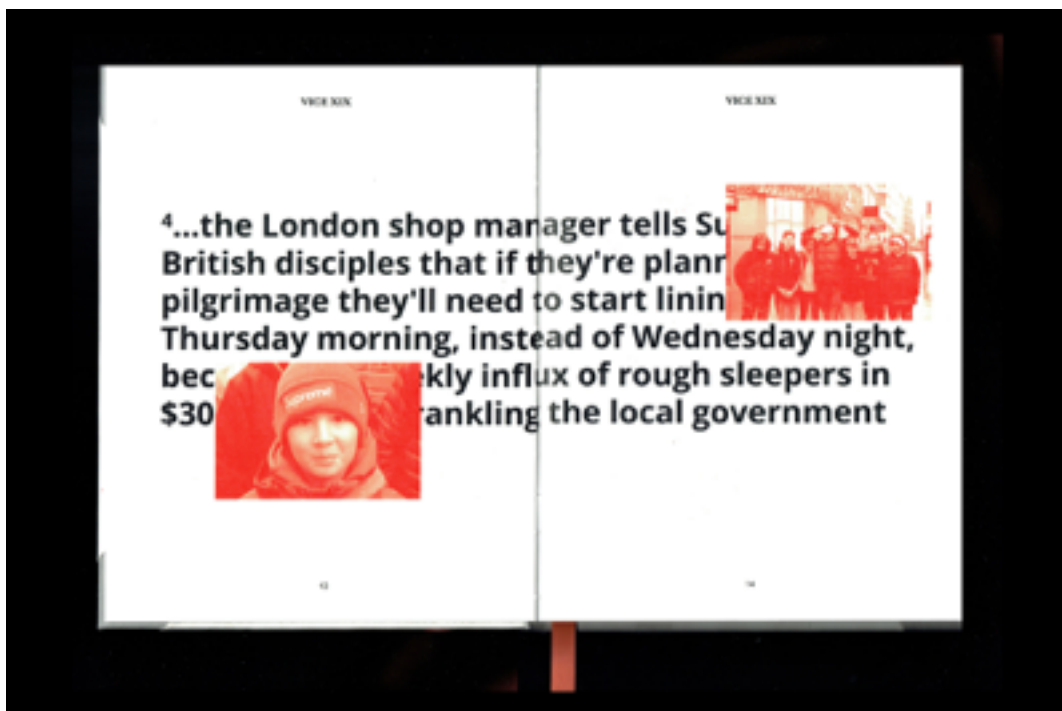


Figura 2. Páginas de "Hallelujah Money", de Jessica Keene

4. Definição de projeto

A partir das referências e do material levantado, iniciou-se, então, a produção do projeto descrito neste relatório, cujo objetivo final focou-se em explorar os discursos e convidar o leitor a refletir sobre o tema e tirar suas próprias conclusões, dentro do possível apresentado em conteúdo. Buscou-se, ainda, selecionar e apresentar, através de colagens feitas à mão e pós-produzidas digitalmente, o universo variado que os periódicos femininos representam, apresentando discursos semelhantes e antagônicos, sem no entanto definir claramente, a princípio, datas ou periódicos específicos. O objetivo seria criar uma narrativa livre, onde revistas antigas e contemporâneas conversassem, concordassem e se contradissem diante do leitor. Desta forma, o próprio leitor criaria sua forma de interpretação diante do que lhe foi apresentado. Por isso, foi escolhido utilizar os próprios discursos das revistas, *ipse literis* e retirados de seus contextos, para ilustrar essa trajetória, através de recortes, colagens e desconstruções, disseminados em discursos de diferentes épocas e com pouca interferência textual própria.

Por ser uma publicação e diante do volume de informações que eram passíveis de serem exploradas, alguma divisão deveria ser feita visando uma melhor explanação para que o conteúdo apresentado não se tornasse cansativo ou confuso. Assim, a edição foi dividida entre os três grandes temas que perpassam os periódicos femininos desde sua estréia – moda/beleza, comportamento e assuntos do lar. De acordo com as pesquisas previamente realizadas, foi percebido que estes assuntos foram explorados e repetidos durante toda a história das revistas femininas, em menor ou maior grau de atenção. Nada mais justo então que utilizá-los como os capítulos principais do projeto. Além disso, aproveitando o contexto de conversa entre o antigo e o atual, os capítulos foram nomeados de acordo com uma das matérias mais comentadas do ano de 2016, onde se mostra uma então quase primeira dama sendo apresentada como uma moça bela, recatada e do lar¹. Relevante ou não, esta reportagem acabou evidenciando e reforçando o discurso geralmente utilizado para tratar do universo feminino e seria pertinente, diante das circunstâncias e do contexto apresentado, se apropriar destes adjetivos para pautar uma publicação que fala, justamente, de uma parte tão significativa do universo feminino – as revistas.

Além da publicação *per se*, tornou-se factível a criação de duas peças gráficas adjacentes e auxiliares à publicação central. Com o objetivo de complementar e ilustrar melhor os conceitos e o universo tratados de forma mais aprofundada na publicação, foram criados, então, um folder e uma zine, cujas funções específicas serão descritas mais a frente.

¹ Matéria da revista Veja, publicada em 18 de abril de 2016, escrita por Juliana Linhares e intitulada “Marcela Temer: bela, recatada e do lar”.

5. Desenvolvimento

5.1. Parênteses

Como dito anteriormente, o centro deste projeto é uma publicação que tem como objetivo contar a história dos periódicos femininos de forma predominantemente visual. A partir disso, foi feito um levantamento consistente e corpulento de páginas e recortes de revistas femininas de diversas épocas, desde o século XIX até atualmente. Estes recortes serviram de base e matéria prima para a criação das diversas colagens que compuseram a publicação, sendo estas organizadas de forma que pudessem criar nas linguagens e nos discursos uma certa linearidade, bem como constantes e contrastes existentes, apresentados nas revistas ao longo dos anos.

Visto que a ideia da publicação é desconstruir e retirar de contexto as linguagens e os recortes das revistas femininas, buscou-se evidenciar, então, as texturas que remetessem à essa desconstrução, destacando os recortes, junções e distorções oriundos do próprio processo de confecção de colagens.

5. 1. 1. Nome

À essa publicação deu-se o nome de Parênteses, por dois motivos – em primeiro lugar porque a função gramatical do parêntese é acrescentar uma informação secundária e adicional, não necessariamente essencial, ao texto primário; essa definição já é, por si só, uma oportunidade para se fazer uma analogia à imprensa feminina, que nasceu de forma secundária e adicional, para não dizer acessória e irrelevante. Em segundo lugar porque os parênteses quando juntos remetem ao órgão sexual feminino, o que já é, também, uma representação direta do universo que está sendo trabalhado dentro da publicação.

5. 1. 2. Paleta de cores

Por ter seu conteúdo composto predominantemente por colagens de periódicos diversos e, desta forma, heterogêneos em seus formatos, optou-se, para melhor leitura e ritmo visual, por homogeneizar estas colagens utilizando apenas duas cores em toda a publicação, sendo elas o preto e um vermelho um pouco alaranjado. Desta forma, todas as imagens foram transformadas ou em escalas de cinza ou em *monotones* da cor escolhida, conforme destacada abaixo. Visto que os contrastes e as diferenças foram eliminados, os discursos e as narrativas foram, então, melhor evidenciados, possibilitando que estas linguagens falassem sem grandes ruídos.



#eb6050
C1 M14 Y66 K0
R235 G96 B80

5. 1. 3. Tipografia

Sendo uma obra sobre a imprensa e o universo femininos, nada mais justo, então, que utilizar tipografias criadas por mulheres. Foram escolhidas, assim, as fontes Aktiv Grotesk, criada por Amélie Bonet e outros colaboradores, e Mrs Eaves, criada por Zuzana Licko. Sendo uma fonte não serifada e outra serifada, estas se complementaram e foram usadas juntas a fim de evitar a monotonia de uma publicação com poucas cores.

Aktiv Grotesk

AaBbCcDdEeFfGgHhIiJjKkLlMmNn

OoPpQqRrSsTtUuVvWwXxYyZz

0123456789 !?.,;@()

Mrs Eaves XL Serif

AaBbCcDdEeFfGgHhIiJjKkLlMmNn

OoPpQqRrSsTtUuVvWwXxYyZz

0123456789 !?.,;@()

Os textos deveriam ocupar o espaço da folha e utilizou-se, para tanto, como recurso gráfico tamanhos grandes em títulos e corpo de texto contrastando com tamanhos pequenos em subtítulos. Foram utilizados então os tamanhos 13pt para corpo de texto, 9pt para subtítulos e 55pt para títulos, com algumas exceções em 43pt (compensação feita para as diferenças entre fontes).

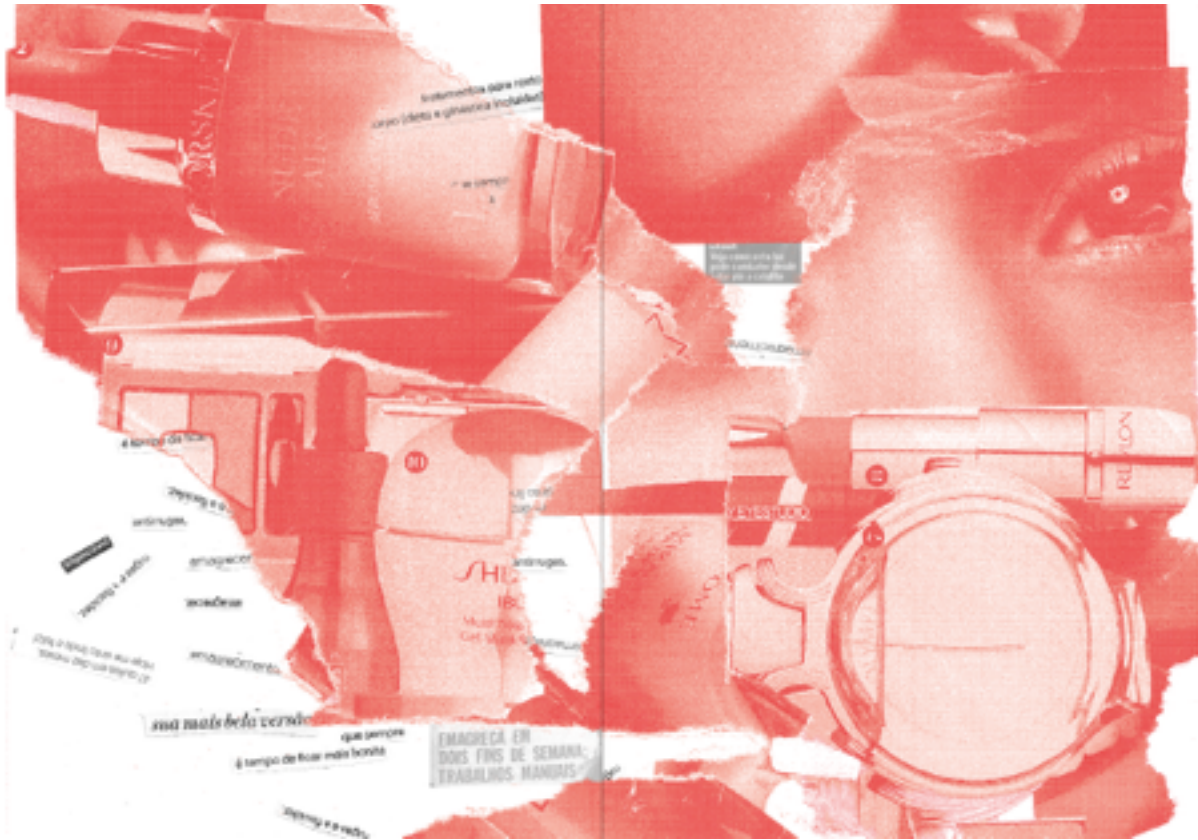
5. 1. 4. Formato

Por conter imagens de periódicos antigos e muitas vezes em baixa resolução, fez-se necessário que a publicação tivesse um tamanho conciso, mas que mesmo assim deixasse que as imagens falassem de forma livre e com respiro. Desta forma, o tamanho escolhido foi de 23x17cm, o que se ajustou bem de acordo com o conteúdo da publicação. A margem interna possui 2 cm e a margem externa possui 2,5 cm. As margens superiores e inferiores variaram de acordo com o texto.

A impressão, a princípio, foi digital, em papel AP 180g.

5. 1. 5. Páginas

Seguem, abaixo, algumas páginas selecionadas.



01.

BELA BELA BELA
BELA BELA BELA
BELA BELA BELA
BELA BELA BELA
BELA BELA BELA



Figuras 5 e 6. Páginas do capítulo "Bela"



Que ar gracioso dá a uma physionomia um tal penteado! Assenta bem em o rosto de uma morena ou de uma loura onde brilhem olhos que sejam um éco de viveza e de ternura; mas é necessário que elle seja arredondado; poucos são os rostos compridos que se ageltem a um tal modo de pentear. Que realce não lhe dá umas rozas colocadas da maneira que apresenta a gravura! Estes penteados são propriamente à Grega; alguns bustos e retratos de Gregas o palenteiam. O vestido é de Mousseline branca com bastante roda; as mangas no alto têm três ordens de fôlhos muito bem trabalhados, sendo a primeira ordem mais pequena que a outras. Os punhos são justinhos, compostos de trez fôfos com pregas miudas delicadamente trabalhadas. O cabeção pode ser da mesma fazenda, ou então de uma qualquer adequada e bordada, porém o recortado deve ser semelhante ao da gravura por ser muito mais elegante. Um presilhão de ouro no meio coroa o brilhantismo. O corpo do vestido é todo cheio de pregas ao comprido; e esta lembrança é muito feliz porque enfeito muito mais, e desterra a mania dos corpos de vestidos lizos. A mimosa cintura é cercada por uma larga fita de garça côr de rosa que vai muito bem; pois esta côr e a branca parece que são destinadas pelo bom gosto para andarem unidas. – Nada de fivellas já tão vistas. Os vestidos podem ser de outras côres, sejam todavia do feitio da gravura, porque ficam muito á fashionable; haja porém sentido nas combinações das côres o que é essencialissimo. Adoptem as Senhoras esta moda que captivarão todos os corações.



Figuras 7 e 8. Páginas do capítulo "Recatada"





Figuras 9 e 10. Páginas do capítulo "Do Lar"

5. 2. Zine

Durante o levantamento de dados e pesquisa histórica feitos inicialmente neste projeto, foi percebido um padrão em relação à um objeto específico que era sempre relacionado com a mulher – o espelho. Este objeto aparecia em nomes de periódicos do século XIX, em textos-referência nos estudos iniciais, entre outras aparições pontuais. Parecia cabível que se desse uma atenção especial para este objeto. Como a publicação já tinha temas muito específicos e uma linearidade consistente, não seria interessante quebrá-la para introduzir esse assunto adjacente. Por isso, foi criada uma zine que pudesse tratar deste tema de forma livre e independente, mas que ainda conversasse esteticamente com a publicação principal. A zine viria solta dentro da publicação, a fim de permitir que o leitor retire e interaja com ela de forma livre, sem que isso interfira na leitura ou entendimento de ambas as peças.

Desta forma, a paleta de cores se manteve, bem como a tipografia. As distorções utilizadas na publicação se aplicaram, aqui, somente na tipografia, de forma pontual. Esta zine tem pouco conteúdo textual, dando continuidade à forma de linguagem construída pela publicação central. Além disso, sua capa é feita de um papel espelhado para reforçar o que se sucederia em conteúdo dentro da zine.

5. 2. 1. Formato

Por possuir o mesmo problema de resolução de imagens destacado anteriormente e para possuir um tamanho compacto que coubesse dentro da publicação, seu formato final foi de 11x12cm, em papel AP 150g.

5. 2. 2. Páginas

Seguem, abaixo, algumas páginas selecionadas.





Figuras 11, 12 e 13. Páginas selecionadas da zine

5. 3. Folder

Como peça complementar e totalmente independente das outras duas, o folder conseguiu agrupar as ideias e temáticas principais já abordadas anteriormente, tornando-se um elemento essencial para a completude do projeto. Desta forma, foi realizado um ensaio fotográfico autoral com frutas que remetessem ao órgão sexual feminino dispostos de forma que o folder, quando aberto, formasse um pôster. Juntamente com as fotos, foi escolhido, ainda, um poema da escritora americana Lesléa Newman, que resume, basicamente, toda a concepção do projeto, desde a escolha das frutas até a escolha do nome da publicação central:

"When all the drowsy metaphors
about women and fruit
have been peeled
and devoured;

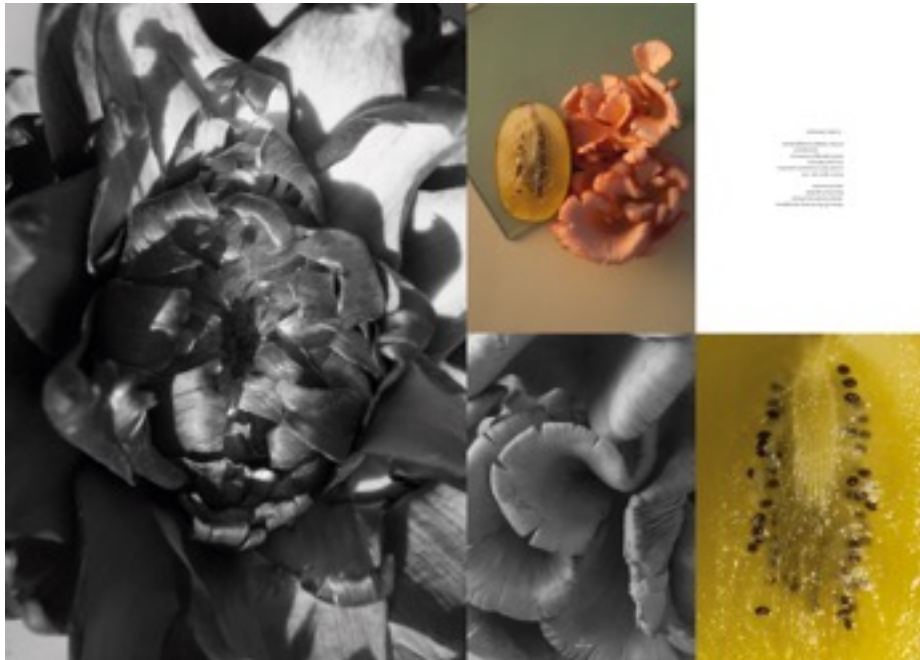
there's just you, me
a bowl full of summer peaches,
two parentheses
with nothing in between
(just space)
for the tongue's imagination." (1996)

5. 3. 1. Formato

Para que pudesse virar um pôster e respeitando as limitações que a impressão digital possui, o formato aberto do folder é de 31x45cm, em papel AP 150g.

5.3.2. Páginas

Segue, abaixo, o folder aberto, frente e verso.



Figuras 14 e 15. Folder frente e verso

6. Conclusão

Apesar do feminismo e as questões de gênero estarem bastante em voga atualmente, a discussão raramente se volta para a origem destas construções e paradigmas. Foi interessante, a partir deste ponto de vista, tomar um passo para trás e analisar, mesmo que dentro de um âmbito muito específico, como se deu a construção de certas linguagens e, principalmente, como algumas destas linguagens não se modificaram

quase dois séculos depois. Foi um projeto muitas vezes divertido, por apresentar coisas tão absurdas que se tornaram engraçadas, e algumas vezes doloroso, por abrir os olhos para alguns retrocessos ou, porque não dizer, estagnações. Este projeto revelou-se, ainda, muito rico em material, o que o tornou de certa forma surpreendente, visto que no início da pesquisa foram encontrados poucos estudos sobre este tema, mas conforme as pesquisas foram se aprofundando, foram surgindo mais estudos, pesquisas, análises etc., o que, obviamente, teve resultado muito positivo na construção deste trabalho.

Por fim, no que diz respeito ao desenvolvimento do projeto gráfico, este trabalho possibilitou uma liberdade criativa nunca antes explorada, principalmente por ser a primeira vez em que todas as decisões criativas foram feitas sem interferência direta de terceiros. Foi, inclusive, um pouco desafiador, vencer certas inseguranças e arriscar algumas soluções nunca antes tentadas, mas que pudessem ocasionar em resultados inesperados e surpreendentes.

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. *Mitologias*. São Paulo: Difel, 1972.

BERGER, John. *Ways of Seeing*. Londres: Penguin Books, 1977

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002

BUITONI, Dulcília. *Mulher de Papel*. São Paulo: Summus, 2009.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017

DE BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970

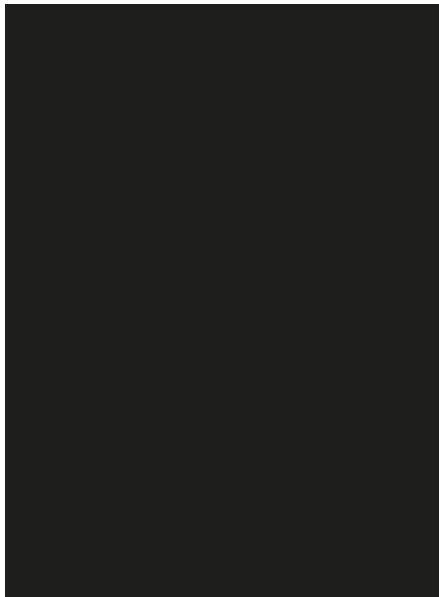
FRIEDAN, Betty. *Mística Feminina*. Rio de Janeiro: Vozes Limitada, 1971

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Rio de Janeiro: Vozes Limitada, 1976

LOBATO, Mayara Luna Maia. *A trajetória do feminino na imprensa brasileira: o jornalismo de revista e a mulher do século XX*, 2013

Anexos

1. Parênteses



2
A imprensa feminista no Brasil
11
Uma de tempo

17... 37...
57...

11
11



A IMPRENSA FEMININA NO BRASIL

A Imprensa não serve ao parâmetro de descrever. A Imprensa da mulher é a imprensa feminista, assim, impregnada de a mulher. Ela produz formas, configurações que são próprias à primeira vista.
LUCIA, 1987

Nossa sociedade é naturalmente pautada por um sistema de oposições, onde categorizamos o mundo em situações de dualidade, alternância, oposição e simetria. Um-exclusivo, 1948. Desta forma, nada mais esperado que a ideia de oposição se estenda para a polarização do feminino e masculino. De fato essa oposição existe, não de forma simétrica mas quase que unilateral, onde um se dá em função do-outro, que passa a ser tomado como referencial. Nesta construção não é o Outro que definindo-se como Outro define o Um; ele é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um. Assim, o homem é o Sujeito, o Absoluto; a mulher é o-Outro, o relativo, 1970

Essa secundarização se estenderá em muitos espaços onde a mulher atua, ativamente ou não, e a imprensa feminina não é diferente. Esta também nasce secundária, muito depois da existência da imprensa propriamente dita. No Brasil do século XIX isso se realiza claramente. A vinda da família real foi o estopim para as mudanças que se faziam urgentes na sociedade brasileira, inclusive em relação à imprensa. Além disso, a supremacia rural começou a dar espaço para as áreas urbanas e a vida cosmopolita. Com a mudança da capital para o Rio de Janeiro, isso se intensificou. As transformações tomavam forma e tinham como guia as sociedades europeias. Importou-se hábitos, costumes e vestimenta da Europa e a presença do corte passou a influir na vida em sociedade, em especial na mulher, porém limitada ao lar e à vida privada. Desta forma, a exigência de participação da mulher na sociedade trouxe a moda como fator crucial e as tendências europeias passaram a ser difundidas através da imprensa.

A imprensa feminina no Brasil foi criada pelo primeiro periódico feminino brasileiro de que se tem conhecimento, chamado O Espelho Diamantino, datado de 1827, mesmo ano em que se autoriza a abertura de escolas para meninas no Brasil. Os periódicos desta época possuíam, em sua maioria, esse objetivo – o de educação e instrução. O Espelho tinha como finalidade colaborar para elevar as mulheres da Corte a um patamar compatível com o das mulheres europeias, onde



Que ar gracioso dá a uma physionomia um tal penteado! Assenta bem em o rosto de uma morena ou de uma loura onde brilhem olhos que sejam um éco de viveza e de ternura; mas é necessário que elle seja arredondado; poucos são os rostos compridos que se agitam a um tal modo de pentear. Que realce não lhe dá umas rozas colocadas da maneira que apresenta a gravura? Estes penteados são propriamente à Grega; alguns bustos e retratos de Gregas o paleteiam. O vestido é de Mousseline branca com bastante roda; as mangas no alto têm três ordens de fôlhos muito bem trabalhados, sendo a primeira ordem mais pequena que a outras. Os punhos são justinhos, compostos de tres fôlhos com pregas miudadas delicadamente trabalhadas. O cabeção pode ser da mesma fazenda, ou então de uma qualquer adequada e bordada, porém o recortado deve ser semelhante ao da gravura por ser muito mais elegante. Um presilhão de ouro no meio coroa o brilhantismo. O corpo do vestido é todo cheio de pregas ao comprido; e esta lembrança é muito feliz porque enfeito muito mais, e desterra a mania dos corpos de vestidos lisos. A mimosa cintura é cercada por uma larga fita de garça côr de rosa que vai muito bem; pois esta côr e a branca parece que são destinadas pelo bom gosto para andarem unidas. — Nada de fivelas já tão vistas. Os vestidos podem ser de outras côres, sejam todavia do feito da gravura, porque ficam muito à fashionable; haja porém sentido nas combinações das côres o que é essencialissimo. Adoptem as Senhoras esta moda que captivarão todos os corações.



26 27



O mesmo de sua vida sem de beleza de sua vida?



beleza e fundamenta

Maria Rita Kehl
 "As coisas que nos pertencem, mas a beleza é fundamental"

Para compreender, no sentido profundo, de existência a que estamos submetidos, é preciso olhar a beleza de forma diferente, como quem procura, sempre, por que algo sobreviva ao cotidiano

estética se não se trata de uma questão de gosto, mas de uma questão de existência. A beleza é fundamental, porque ela nos dá a possibilidade de viver, de sentir, de amar, de lutar, de criar, de transformar. Ela é a base de tudo que nos faz humanos.

Corpo

Beleza é fundamental, sim

Maria Rita Kehl

"As coisas que nos pertencem, mas a beleza é fundamental"

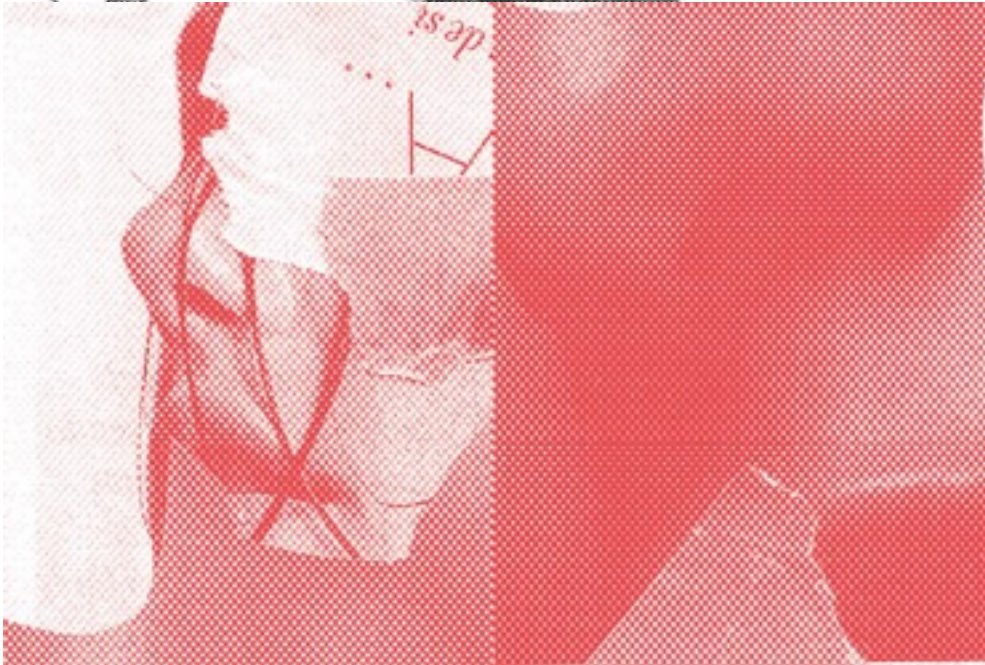
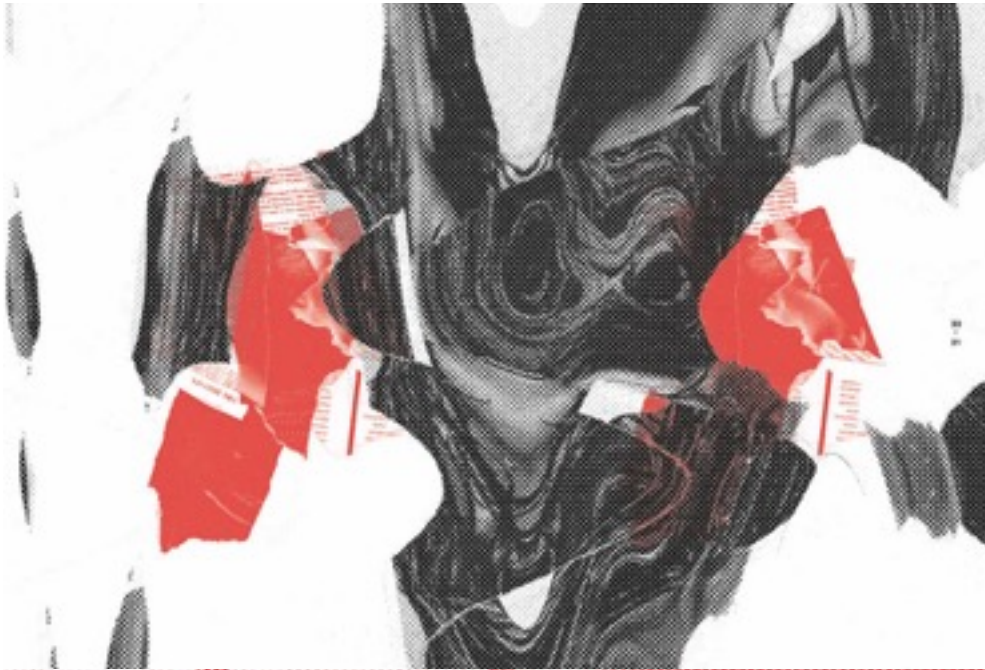
Para compreender, no sentido profundo, de existência a que estamos submetidos, é preciso olhar a beleza de forma diferente, como quem procura, sempre, por que algo sobreviva ao cotidiano

estética se não se trata de uma questão de gosto, mas de uma questão de existência. A beleza é fundamental, porque ela nos dá a possibilidade de viver, de sentir, de amar, de lutar, de criar, de transformar. Ela é a base de tudo que nos faz humanos.

estética se não se trata de uma questão de gosto, mas de uma questão de existência. A beleza é fundamental, porque ela nos dá a possibilidade de viver, de sentir, de amar, de lutar, de criar, de transformar. Ela é a base de tudo que nos faz humanos.

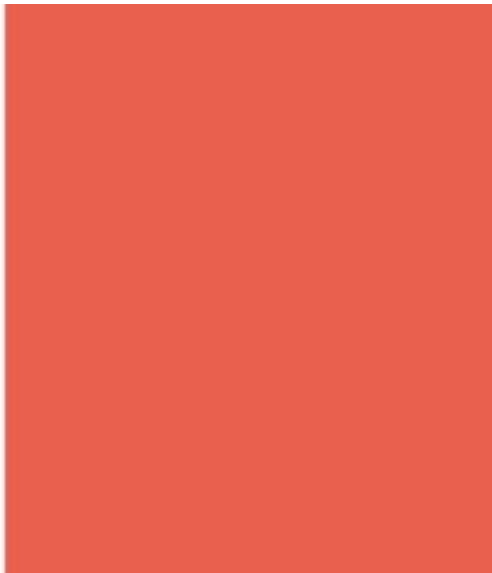
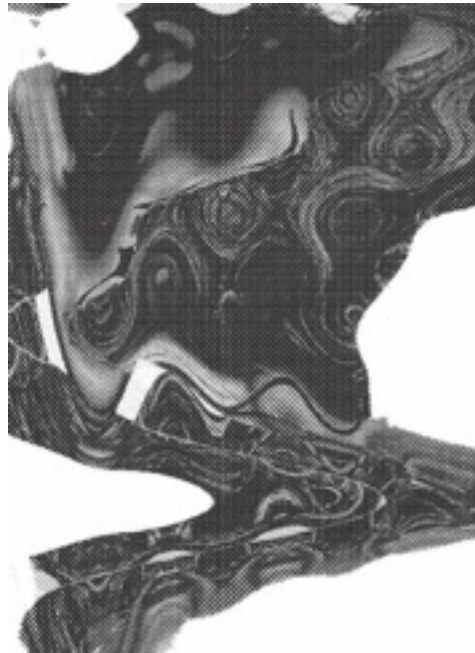
estética se não se trata de uma questão de gosto, mas de uma questão de existência. A beleza é fundamental, porque ela nos dá a possibilidade de viver, de sentir, de amar, de lutar, de criar, de transformar. Ela é a base de tudo que nos faz humanos.





02.

RECATADA
RECATADA
RECATADA
RECATADA
RECATADA
RECATADA
RECATADA
RECATADA
RECATADA
RECATADA



Não sirva para estorva,
 Não para seu uso;
 Pois Senhora sempre foi
 Deixem a luz ao Mundo ei.

Aster com louca cisma
 Sufocando prazer e dor,
 De que uso, f'outra diadema,
 Falso, egoísta, e insular
 Esta publicação que usa
 Farsas para lucrar-se;
 Retarda os bom afetos,
 Será livre eternamente.

40
41

1. Honrada por dever e não por cálculo. É uma triste verdade que nem todas as honradas se casam, mas não é também menos verdade que as masculinidades só por exceção se matrimoniam.
2. Coquete com o homem a quem amou, mas não com dois ao mesmo tempo, como às vezes acontece, pois acabará por não apertar nenhum.
3. Usar de maior limpeza e asseio possíveis. Aos homens agrada tanto a mulher asseada como desagrada a que se descuida com a sua higiene. Venus, em nudez, a sahir das brancas espumas das aguas, é mil vezes mais bella do que uma senhora, cheia de enfeites e de oleos.
4. É de bem que procure agradar ao homem, pois para isso nasceu, mas sem que tente deslumbrá-lo, affectando dotes e qualidades que não possui. Com cadeiras postigas e seios de algodão, raramente atará incóndio ao combustível do amor, ou, quando isso acontece, bem depressa se extinguirá.
5. Vestir com simplicidade, embora com bom gosto. Não existe a modestia e elegancia, nem aquella exclue a arte. Si é bella de rosto e possui outros atractivos physicos, facilmente seduzirá a quem a encarar com qualquer especie de hecidos. A verdadeira formosura a vence por si só. A falsa é a que tem necessidade artificios para conquistar amores.
6. Si está enamorada e é correspondida, procure, si o seu coração consente, não ceder ao namorado mais do que a boa educação permite. Embriague-o com palavras, com suspiros, com promessas, com lágrimas, mas não consinta nunca que o amor sinta o sabor dos beijos. Pode alguma vez, fingir um instante de distração para que o namorado a beije, reclamando, porém, em seguida, em termos brandos, contra a ousadia. Isso aguçará o desejo do casamento para mais breve.

42
43

7. Quando for esposa, é que deve, mais do que nunca, galantear o marido, para que este nunca se enfie do amor conjugal. Deve procurar levantar-se mais cedo do que ele e sempre às escuras ou sob a penumbra do aposento, para que o marido não a veja desgrenhada.
8. Não convém despachar muitos pretendentes, pois cada vez mais escasseiam os candidatos ao matrimônio. Não corte com príncipes nem com titulares ou doutores. Contentar-se com quem possua elementos físicos para ganhar a vida e bastante força para torná-lo em seus braços algumas vezes por semana, em atitude catinosa.
9. Não seja de má vontade os homens sérios. São estes os únicos que pouco falam e muito fazem pela vida.
10. Não case com filósofos. Estes, ou são muito distraídos ou têm mária de analisar tudo. Tanto num como noutro caso são maus maridos, já por falta, já por excesso.
11. Adestrada em todos os mistérios domésticos. Caso não tenha necessidade de fazê-os executar, serví-los para dirigi-los, porque quem não sabe uma coisa, não sabe outra. Uma casa limpa e bem disposta os seus móveis, desperta os instintos estéticos e dá boa ideia de capacidade da dona de casa. Acreditá-se que o talento culinário de algumas esposas tem produzido a espantosa fecundidade dos escriptores, seus maridos.
12. Ser um pouco instruída. Conhecer bem, pelo menos, os rudimentos de arithmetica e de leitura. A mulher é o primeiro funcionario do Estado Familiar, pois tem a seu cargo a importante função da despesa, de cuja anarchia resultam tantas revoluções. Do bom desempenho deste cargo depende o equilibrio das finanças domesticas. A quebra de muitos negociantes é devida, na maior parte, ás qualidades anarchicas e prodigas de suas mulheres.
13. A divisão mathematica deve ser sabida, já que a riqueza é para a maior parte considerada um mytho. Por não saber dividir bem, algumas mulheres dividem os maridos... A multiplicação é ainda uma operação mais importante, porque, no casal, é quasi inconsciente. A mulher que, tendo em seu lar muitos filhos, não dispuzer de um grande tiro arithmetico, fará que o marido, que não tiver grande fortuna, vá com os burros a água.
14. Como a glorie e as honras não se ligam ao extincto de conservação nem ao da propagação da especie, deve procurar não arrefecer as ambições do marido, quando estas sejam legítimas.
15. Seguidora, ao pé da letra, de todos os conselhos e recommendações maternas para a boa admiração de sua sensibilidade amorosa. A sciencia do amor é fruto de dolorosas experiencias, que só as mães sabem bem comprehender.
16. Pansificar para com o marido, e modo a dar-lhe durante o dia toda a razão.
17. Deve mulher cultivar esta preciosa virtude - a paciencia - sem a qual todo o consorcio se transforma em jugo tyrannico. (...) Quando o marido contrariado por qualquer incomodo da rua, se recolhe ao lar, como a um porto de salvação, seria insensato recebê-lo com má cara ou de mau humor.
18. Já tratámos da pequena instrucção de que deve ser munida a mulher como chefe de lar. Agora voltámos a exigir della outra especie de instrucção, um pouco mais apurada, pela comprehensão que temos de que a mulher bella e instruida é duplamente bella. O amor dos vinte aos quarenta annos é uma necessidade. Dos quarenta aos cincoenta, um dever. Dos cincoenta aos sessenta um luto. Além dos sessenta, constitue um delicto com a circumstancia aggravante do ridiculo a que se expõem a mulher e o homem. Que a mulher nunca esqueça disso.

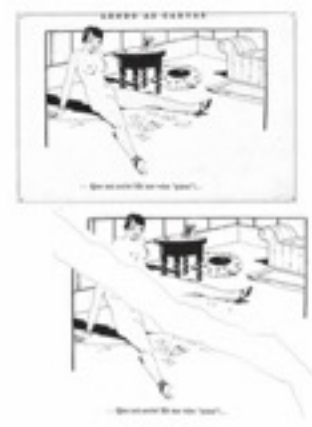
11
12



13
14



15
16



3-8



03.

DO LAR DO LAR DO LAR
 DO LAR DO LAR DO LAR
 DO LAR DO LAR DO LAR
 DO LAR DO LAR DO LAR
 DO LAR DO LAR DO LAR







Se bem que a mulher já tenha transposto os limites de sua completa emancipação, um grito energético, que vem do fundo, do subconsciente saindo lhe diz: "O lugar da mulher é no Lar". Portanto, amigas, agora que o alto nível de vida nos obriga a ombrear com os homens para o custeio de nossas famílias, podemos procurar uma profissão a ser exercida dentro de casa. Por isso, trazemos hoje, uma sugestão para aquelas que apreciam o tricô, tão em moda, atualmente. Mas por que executá-lo com sacrifício, com agulhas manuais, se, no Brasil, já existem boas e aperfeiçoadas máquinas para tricotar? Algumas, até, com características industriais cujo rendimento de trabalho, e perfeição de pontos, lhes garantirão certos e bons lucros. Essas máquinas existem nas boas casas do ramo. Há outras profissões, trabalhos manuais, todavia, como nos referimos a tricô apresentamos esta linda blusa com decote alto, trabalhada em encaixe de "Miúdo". É um modelo que pode ser feito em primavera ou mesmo verão. Se a prezada leitora gostou de nossa idéia para iniciar uma pequena indústria caseira de tricô, poderá contar conosco, para bonitas sugestões como esta, assim como para receitas de pontos, conhecimento de fios ou fibras que mais se prestam para esta classe de trabalho, etc. Aliás, o lema de nossa revista sempre foi, desde seu início, servir bem, em todos os setores, à mulher dentro do lar e na sociedade, com bonitos modelos, riscos, conselhos úteis para a vida no lar, receitas, enfim, leitura amena e proveitosa.



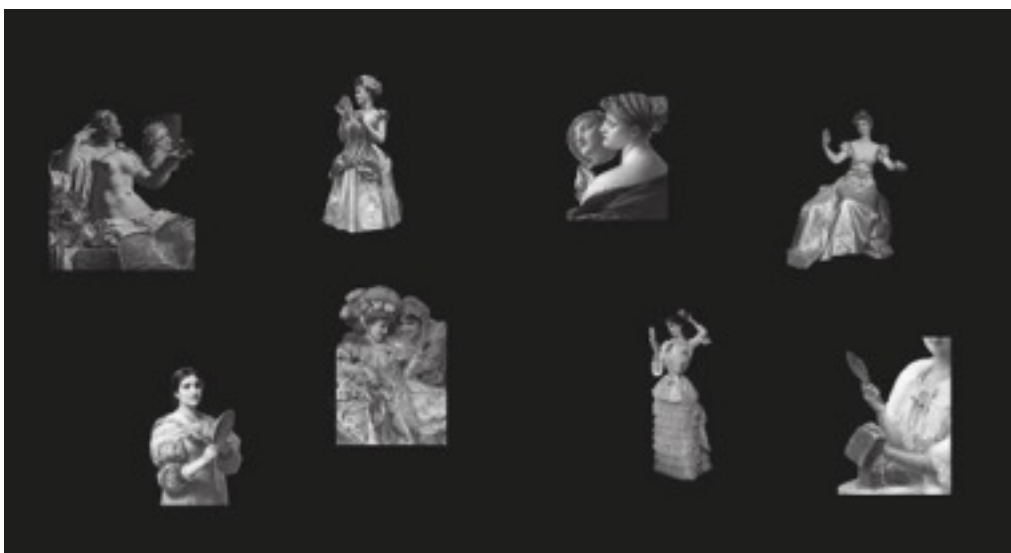
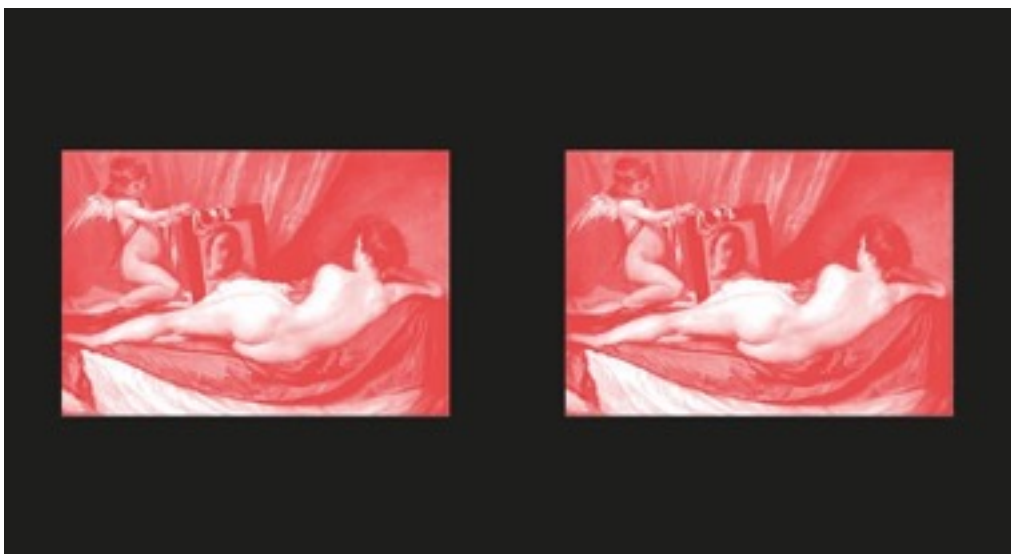


INDEX

Páginas	Publicações		
18-19	Revista Clássica	48-49	O Sexo Feminino, 23 de outubro 1970
	Revista Clássica	50-51	Capitão, 1986
	Revista Clássica, maio de 1973		Shirley, 1936, edição 62
20-21	Revista Clássica, setembro de 1973	52-53	A Filha Órfã de Mulher de Sinopólis, 10 de março 1982
	Malheria, janeiro/fevereiro 1982	54	Casa Clássica, 1971
22	Capitão, 4 de junho 1986	55	Journal des Muses Revista Brasileira de Ilustração, 10 14, edição 82
	Capitão 12 de março 2000		Revista Clássica
24-26	Corinto das Mulheres 1976, edição 61	56-57	Revista Clássica
26	Revista Clássica	62	Journal des Muses Revista Brasileira de Ilustração, 10 14, edição 83
	Grande Hotel, nº 1748	64	Journal des Muses Revista Brasileira de Ilustração, 10 14, edição 85
27	Malheria, janeiro/fevereiro 1982	65	Revista Clássica
28-29	O Jornal das Mulheres, 12 de dezembro 1982	66-67	Journal des Muses Revista Brasileira de Ilustração, 10 14, edição 86
32-33	Malheria, janeiro/fevereiro 1982	70-71	Journal des Muses, 1986
36	A Filha Órfã de Mulher de Sinopólis, 10 de março 1982	72	Journal des Muses Revista Brasileira de Ilustração, 1974
42-46	Journal des Muses Revista Brasileira de Ilustração, 1974, edição 81, 82 e 83	73	Malheria, janeiro/fevereiro 1982
47	Capitão, 1986		

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNINI, John. *Way of Seeing*. Londres/Penguin Books, 1977
 BUTTS, Dorella. *Mulher de Papel*. São Paulo: Senac, 2006.
 DE MOURA VIANA, Renata. *O Espelho de São*. São Paulo: Oficina de Arte e Escrita Ltda., 1979
 LÉVY-STRAUSS, Claude. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Rio de Janeiro: Vozes Limitada, 1976





3. Folder

